



FOTOS: HENRIQUE SFEIR

MARIA ALICE CABRAL MAIA é uma jovem notável. Aluna do sexto semestre do curso de Administração Pública da FGV-EAESP, já possui grandes feitos em sua trajetória. Quando estava ainda no terceiro semestre, ganhou o Prêmio Santander de Empreendedorismo, em que, além de levar R\$ 50 mil de apoio ao projeto, foi para Babson College, nos EUA, para estudar por duas semanas. No final do quinto semestre, conseguiu outra oportunidade oferecida pelo mesmo banco e ganhou uma bolsa para estudar em Londres, por meio do Programa Top UK Universidades. Enquanto essa garota de apenas 21 anos pensa em como estruturar o seu próprio negócio voltado à educação, ela trabalha no Centro de Estudos em Administração Pública e Governo (CEAPG), dando apoio à área de sustentabilidade no projeto Rede Amigos da Amazônia. Participa, paralelamente, de uma organização global de fomento à paz e também do coletivo Fora do Eixo, de promoção à cultura. Para que não restem dúvidas sobre sua hiperatividade, ela ainda faz parte das produções audiovisuais na produtora Idea5. O espaço aqui é pequeno para tanta coisa, mas dá para ter uma ideia das suas conquistas. Ela agora está de partida para um intercâmbio na HEC Paris, durante o primeiro semestre de 2012, com bolsa do CNPq, como parte do programa Ciência sem Fronteiras.

Você ganhou, em novembro de 2010, o Prêmio Santander com a Ippon; no que consiste o projeto?

Na verdade, a Ippon Business é a empresa mãe, porque eu sempre fui muito empreendedora. Desde muito nova comecei a estruturar

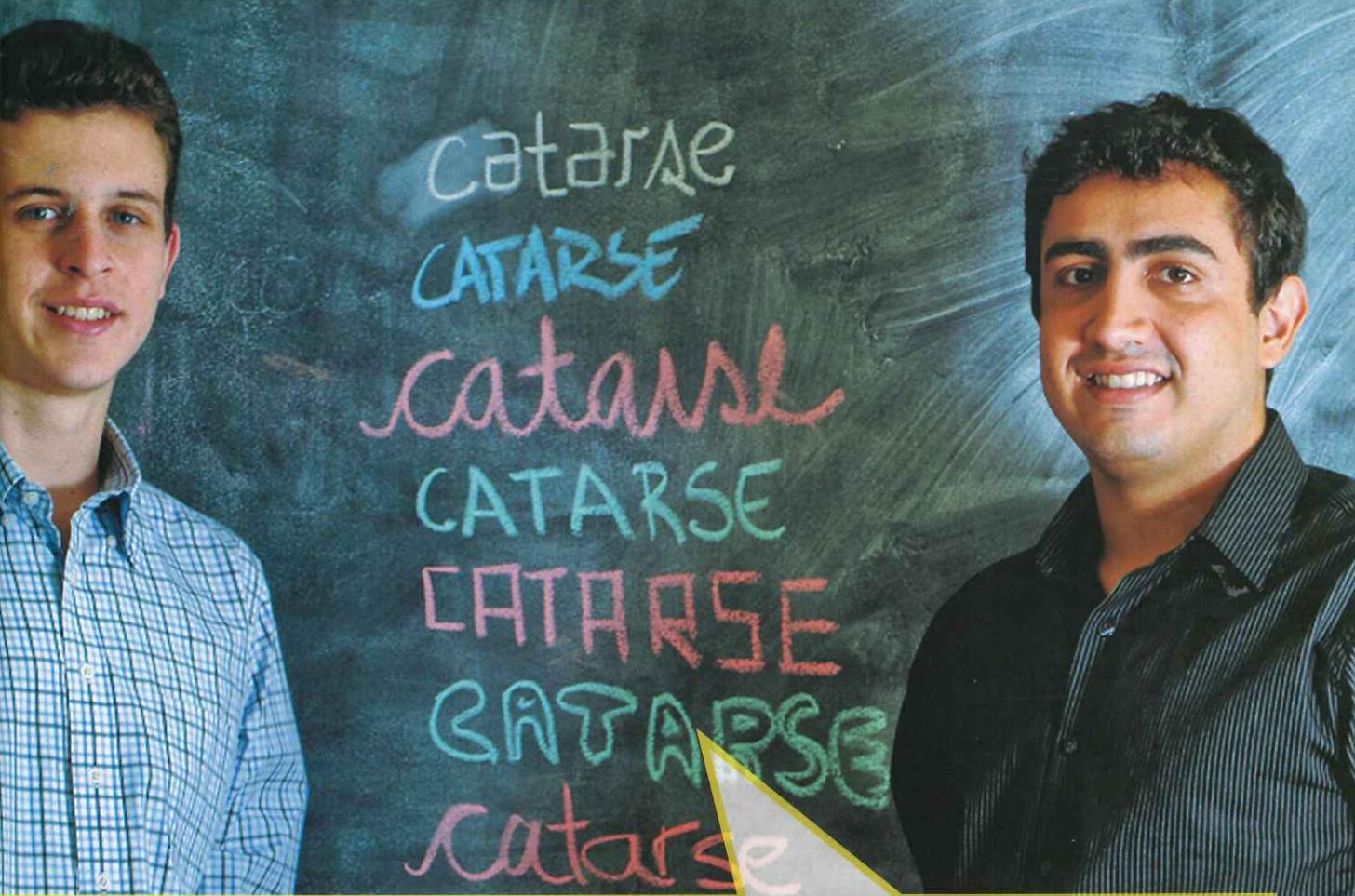
negócios e falei: "Preciso de um CNPJ para dar base para isso", mas aí, dentro da Ippon, eu desenvolvi o site nahora.com. Qual o negócio dele? Vendas de último minuto no mercado de serviços. Por exemplo, quando um bar fica vazio, ele entra em contato com a base do nahora.com e informa: "olha, nós temos 10 mesas e vamos reservá-las pela metade do preço". É uma plataforma virtual que une a oferta e a demanda, basicamente, ela é intermediadora.

E por que não seguiu adiante?

A gente falhou na parte da TI.

Mas você pretende voltar ou acha que vai tocar outros projetos daqui para a frente?

Depois disso, acabei percebendo muita coisa em que tinha errado e fiquei um ano e meio trabalhando só nisso, indo em eventos de empreendedorismo, só focada nesse ramo. Com a ida a Babson, eu comecei a pensar em negócios sociais. Atualmente, eu tenho alguns projetos, algumas pessoas com quem eu converso. Quero fazer algo na parte de educação, mas não tenho nada estruturado. Acabei, nesse meio-tempo, perdendo um pouco da vontade de seguir com o nahora.com, muito por essa questão de pensar algo que pudesse fazer mais a diferença. Agora eu foco muito em negócios sociais, estou trabalhando muito com isso no CEAPG. Nossa missão é voltada à área de sustentabilidade na Amazônia, que é dentro da Rede Amigos da Amazônia, uma iniciativa da FGV que promove a conservação da floresta.



DIEGO BORIN REEBERG e LUIS OTÁVIO RIBEIRO

ainda nem terminaram a graduação em Administração de Empresas na GV e já são empreendedores de sucesso, procurados pela Globo, Band e MTV. Esses garotos idealizaram há um ano o site **Catarse** (catarse.me), uma plataforma de *crowdfunding*, em que o objetivo é financiar projetos de arte e cultura de maneira colaborativa e derrubar as portas enrijecidas de burocracia encontradas nos editais brasileiros.

Pelo Catarse, são até 60 dias para obter o apoio financeiro desejado ou o dinheiro é devolvido para quem apoia o projeto. Com essa proposta, já conseguem apresentar, no início de 2012, os seguintes números: 145 projetos bem-sucedidos, mais de 300 cidades contribuintes, R\$ 1.300.000,00 arrecadados e mais de 15.000 apoiadores.

Quais são os tipos de projetos aceitos no Catarse?

Diego: Quando a gente fala em tipos de projetos, a gente pega as cinco principais áreas, que são: parte cultural, jornalismo, empreendedorismo, projeto social e projeto de educação política. Na verdade, todos eles são, de alguma forma, culturais.

Luis: Todos eles são, de alguma forma, sociais, onde o benefício é coletivo e não próprio. Já recebi pedidos: "quero comprar um Mac"; tá, mas e aí?

Vocês trabalham com a prática do tudo ou nada: se o projeto não consegue o valor pretendido no tempo estipulado, vocês devolvem o dinheiro. É simples esse processo de devolução?

Diego: Não é difícil, não. Quando a pessoa faz a transação, o dinheiro cai em uma conta nossa no Meio de Pagamento, que é

uma empresa que faz a análise de crédito e a intermediação financeira para captar essa grana. O Meio de Pagamento tem contas virtuais, e aí, quando o dinheiro cai, vai para a nossa conta nesse local, e ali é muito fácil eu devolver o dinheiro.

E os valores de apoio, chegam a ser quais?

Diego: A gente trabalha com o mínimo de R\$ 10,00, mas já teve apoio de R\$ 10.000,00. Respondo como presidente e me revezo entre elas. Meu trabalho é dar orientação estratégica.

Vocês estimulam no site uma "catarse coletiva"; o que significa esse convite?

Diego: Segundo Aristóteles, a catarse é o processo de libertação por que a pessoa passa após ter acontecido algo trágico. Usamos no sentido de que antes o projeto não podia acontecer, seja pelas formas tradicionais muito burocráticas ou por qualquer outra coisa, mas agora a pessoa tem a possibilidade de fazer.

Qual a equipe do Catarse?

Diego: Tem nós dois aqui em São Paulo, três sócios no Rio, duas funcionárias no Rio, um programador em Florianópolis, um programador em BH e uma empresa que é sócia em Porto Alegre.

Vocês já chegaram a contribuir com algum projeto?

Luis: No começo, a gente dava muita ajuda, mas eu continuo escolhendo alguns. Com *Belo Monte*, por exemplo, eu contribuí. [O projeto de documentário *Belo Monte: anúncio de uma guerra* correu entre diversos grupos no Facebook e conseguiu arrecadar mais de R\$ 140.000,00. Mais de 3.400 pessoas colaboraram].